

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

A arte de narrar as (nas) cidades: etnografia de (na) rua, alteridades em deslocamento

The art of narrating (in) the cities: ethnography of(on) the street, alterities in displacement



Ana Luiza Carvalho da Rocha

Universidade Feevale. Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil.
miriabilis@gmail.com



Cornelia Eckert

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
chicaeckert@gmail.com
Submetido: 01/10/2019
Aprovado: 10/01/2020

Resumo: O artigo aborda os referenciais teórico-conceituais que orientam a prática da etnografia de (na) rua como procedimento de pesquisa antropológica das e nas metrópoles contemporâneas, a partir da experiência desenvolvida pelo Núcleo de Antropologia Visual (Navisual) e pelo Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Biev), ambos projetos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS/UFRGS.

Palavras-chave: Etnografia de rua. Cidade praticada. Narrativas etnográficas. Jogos da memória.

Abstract: The article discusses the theoretical and conceptual references that guide the practice of ethnography of (on) the street as a procedure of anthropological research of contemporary metropolis based on the experience developed with the Visual Anthropology Center (Navisual) and the Visual Effects and Images Bank (Biev), both projects of the Post-Graduate Program in Social Anthropology/PPGAS/UFRGS.

Keyword: Ethnography of the street. Practiced city. Ethnographic narratives. Memory games.

Introdução

Este artigo se situa na interface da Antropologia Visual e da Antropologia Urbana e contempla os referenciais teórico-conceituais que nos orientam nos exercícios que desenvolvemos sistematicamente no processo de formação no Núcleo de Antropologia Visual (Navisual, criado em 1989) e no Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Biev, criado em 1997), ambos projetos por nós coordenados no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em 2015, publicamos um livro sobre a prática de etnografia de rua, exercício individual ou coletivo que já rendeu, desde 2001, muitas exposições fotográficas, crônicas em vídeo e sonoras, ou filmes etnográficos no âmbito destes projetos (Eckert e Rocha, 2015). Alinhávamos aqui as inspirações autorais que nos estimularam a pesquisar nas grandes metrópoles contemporâneas o tema das alteridades sempre em deslocamento. Em particular, o estudo dos jogos das memórias que orientam o ato de caminhar e perambular, como parte de nossas motivações de “etnografar” os espaços praticados nas cidades contemporâneas, sempre preocupadas em observar os ritmos da vida de seus habitantes, captar imagens da vida cotidiana, escutar histórias e trajetórias, registrar acontecimentos ordinários e excepcionais observados e compartilhados.

A longa caminhada da humanidade

Sobre o ato de caminhar, muitas são as imagens em nossas mentes. Uma delas, a mais arcaica, a longa caminhada da huma-

nidade. Seja em um filme, como *A Guerra do Fogo* (de 1981, sob a direção de Jean-Jacques Annaud, Anthony Burgess e Desmond Morris), seja em obras, como *O gesto e a palavra*, de André Leroi-Gourhan (volume I, 1970; volume II, 1971), essas imagens nos conduzem ao trajeto da espécie humana, de sua posição vertical, de face ereta, em direção ao horizonte, que lhe possibilitou a libertação das mãos e, neste sentido, o desenvolvimento neuropsíquico e a organização da memória coletiva, na transformação do pensamento pela ação material e na criação dos primeiros símbolos da linguagem (Leroi-Gourhan, 1970, p. 27 e 187).

Um mundo que se abre para a face-leitura/linguagem (conceito), para a mão-grafia, para o pé-locomção e para o corpo-movimento, e, claro, para a transposição simbólica, não reduzida ao decalque da realidade. Como afirma este pensador acerca da longa caminhada da humanidade (Leroi-Gourhan, 1970, p. 190-191), podemos considerar que, desde as primeiras figuras (arte figurativa, 30.000 a.C.), na arte de caminhar se esconde uma convenção inseparável de conceitos já altamente organizados pela linguagem. Esta obra, que citamos em suas inúmeras passagens (Leroi-Gourhan, 1971, p. 20-21, 73-74), nos permite colocar em alto relevo o valor da liberdade de comportamento relacionada às escolhas que os sujeitos humanos realizam como processos de aprendizagem no fluxo do tempo, no domínio das práticas operatórias mergulhadas no ambiente cósmico e social em que vivem.

Uma experiência que não restringe a estética ou a emotividade, uma e outra essencialmente auditivas e visuais do *homo sapiens*, mas evoca as percepções humanas que estetizam um código de emoções passível de assegurar ao sujeito étnico o essencial da inserção afetiva na sociedade, assegurando-lhe o reconhecimento da ambiência, nela atuando, por ela sendo afetado, e assim durando na passagem do tempo. Este código das emoções estetiza-

do baseia-se em propriedades biológicas e corporais comuns, que orientam o conjunto de motivações simbólicas dos seres humanos e que lhes asseguram a perseverança dos valores e dos ritmos que conduziram a longa caminhada da humanidade até nossos dias.

Leroi-Gourhan (1970) contempla a arte de existir no fluxo do tempo ao longo do trajeto humano, na descoberta de ambiências por onde passou e na exteriorização da memória social de toda a espécie¹. De acordo com o mestre citado, ao falar em liberdade de movimentos, é também sobre o agenciamento dos nossos corpos livres que argumentamos. Em particular, o autor vincula o tema do deslocamento à libertação das mãos e dos pés no processo de aprendizado técnico que sustenta a libertação da memória, dos sentidos, da neuropsicologia, da verticalidade do corpo, da presteza do caminhar na espécie humana.

De acordo com Leroi-Gourhan (1970, p. 91), tratar da sensibilidade muscular é tratar do ritmo e da libertação do aparelho intelectual e da máquina corporal, que se integram à experiência vivida de acordo com os ritmos que integram o sujeito ao tempo e ao espaço (1970, p. 91). Caminhar, portanto, sempre nos soa familiar, em todos os tempos e espaços. Sabemos, agora, o quanto esta ação nos vincula ao valor da libertação e da criatividade humanas. Este valor emergiu, em especial, como estruturante na sociedade moderna ocidental, e adota uma tonalidade especial no contexto que abriga a experiência do caminhar pelas ruas da cidade, em seus espaços públicos (calçadas, parques, avenidas, etc.), como lógicas de cidadania.

Sabemos muito sobre a experiência de caminhar na antiguidade, na idade medieval. Os relatos de travessias bíblicas são recorrentes na formação judaico-cristã. As narrativas das longas

¹ O processo da exteriorização da memória social é fundamental para a compreensão de algumas teses de Leroi-Gourhan. "As ditas 'cadeias operatórias' são projetadas para o exterior do corpo, encarnando-se em dispositivos sociais. A técnica humana envolve um ciclo operatório no qual a mobilidade do objeto é inseparável da contextualização do gesto que o produz e o usa - os procedimentos operatórios de sua utilização são exteriorizados. O gesto, nessa conjuntura, atualiza certas virtualidades neurofisiológicas do indivíduo, mas a atualização não obedece mais a estruturas biológicas hereditárias, e sim às necessidades de uma forma singular de vida coletiva. O corpo, nesse sentido, é corpo técnico expulso de si mesmo pelo gesto e exposto no espaço social. Leroi-Gourhan chama isso de 'liberação das cadeias operatórias' - processo que serve menos ao indivíduo (como no caso do animal) do que ao grupo social. A técnica humana, assim, libera o corpo técnico do corpo propriamente dito". In: Perrusi, 2004, p. 71-72.

viagens a pé no velho mundo estão ligadas aos processos de descobrimento e conhecimento da diversidade cultural da humanidade. Mais tarde, os fluxos humanos se intensificam, marcados, de modo geral, por processos violentos de genocídios da era colonial. Estes deslocamentos ultramarinos e territoriais implicaram migrações e disseminações, não raro carregadas pela promessa do retorno redentor, afirma Stuart Hall (2003, p. 28), o que estava fortemente vinculado aos mitos de fundações territoriais e às comunidades imaginadas (Anderson, 1991), e, portanto, aos sentimentos de pertença e de identidade cultural.

Assim, o giro moderno-contemporâneo da humanidade é promovido pela invenção técnica. Tempos de evolução tecnológica para os deslocamentos com auxílio de rodas, de motores e outras tecnologias de propulsão (barcos, navios, trens, aviões, carros e, sobretudo, ônibus e metrô, como mostra Janice Caiafa em *Aventura das cidades* em 2007). Herdamos, aliás, muitas narrativas sobre viagens ficcionais ou reais (Apóstolo Paulo, *Gulliver*², Marco Polo (1254-1324)³, Júlio Verne (1828-1905), Malinowski (1884-1942), nas quais o relato do deslocamento em direção ao Outro construiu um campo de imaginações e aprendizados contados na forma de crônicas da vida social (Boaventura Leite, 1996). A obra dos relatos dos viajantes no Brasil, por exemplo, é fonte inesgotável de pesquisa antropológica sobre as primeiras povoações e cidades brasileiras em sua fundação, como testemunham os olhares de Hans Staden (1525-1576), Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), Nicolaus Dreys (1781-1843), Johann Moritz Rugendas (1802-1858), Arsene Isabelle (1806-1888), Claude Lévi-Strauss (1908-2009), etc. Estes muitos olhares configuraram os micromundos citadinos em formação, em contraste com o então mundo rústico dos campos, sertões, serrados e matas, entre outras paisagens. Descreveram

² De autoria de Jonathan Swift, a data da primeira publicação consta ser de 28 de outubro de 1726.

³ Em especial, citamos as referências a este viajante na obra de Ítalo Calvino (1994)

seus deslocamentos por múltiplas ambiências. O deslocar-se a pé entre as cidades, nos tempos de outrora, era comum, como relata Kurt Benno Eckert (1921-2017) em seu livro *O sol nasce para todos*, ao narrar as viagens do seu pai. No século XIX, na Alemanha seu pai percorre a pé os caminhos que o levam a várias cidades em busca de trabalho, e, posteriormente, já imigrado no Brasil, as imagens testemunham não somente as viagens a pé, mas também a cavalo e trem de seus ascendentes (Eckert, 2006).



Paulo e José Eckert viajam a pé, na Alemanha, em busca de emprego. Visitam os mestres das cidades para se tornarem aprendiz de ofício.



Paulo Eckert e Clara Pohsner após o casamento em Curitiba em 1906, para fazer sua viagem de núpcias.

É sobre o caminhar na cidade que temos mais familiaridade, atividade através da qual nossos corpos acumularam aprendizagens nos tempos modernos. Deslocar-se nas largas calçadas das ruas centrais das metrópoles emergentes da era moderna, nas longas avenidas com jardins e árvores com áreas para passeio e lazer, eram signos de adesão à reurbanização e cosmopolitismo. Na cidade dos conjuntos habitacionais de baixa renda como mostra Jane Jacobs para cidades americanas, nos anos 1950 (2011) ou Michael Young e Peter Willmott igualmente nos anos 1950 para a região de Londres (1983), as segmentações espaciais são atravessadas.

sadas por espaços públicos que se consolidam como lugares de interação social e sociabilidade lúdica. Estes autores, ao tratarem da mobilidade das famílias trabalhadoras seja do campo para cidade, seja de suas casas para a fábrica na cidade, seja nos espaços ditos públicos, nos deixam como herança robustos estudos da urbanização e da industrialização, do indivíduo, de grupos e redes, dos segmentos e poderes nas cidades.

Entre sucessos e fracassos, nos termos de Jacobs, a cidade é fenômeno de duração que integra ou expulsa, agrega ou discrimina, permite o sentimento de pertença ou de repulsa, de segurança ou de vitimização, um processo complexo que implicará em contínua mobilidade de seus habitantes por múltiplas razões e diversificadas lógicas, em descontínuo deslocamento.

O certo é que caminhar por suas ruas, deslocar-se por suas calçadas, experimentar os espaços públicos, inebria os cidadãos do valor liberdade, embora nunca impunes do olhar do outro na multidão solitária (Riesman, 1971), da vigilância imposta pelos códigos morais e de distinção social ou, mais ainda, pelas regras e ditames de conjunturas políticas nefastas que ameaçam a democracia.

Lembramos do passeio domingueiro, o footing, como uma prática que marca estilos de vida, de ser e estar na cidade moderna, uma sociabilidade informal que estetiza, no sentido lúdico, o direito à cidade. Com exceção de Brasília, como mostra James Holston (2010) criada como um memorial, e assim “negando às gerações subsequentes de cidadãos brasilienses o seu direito à cidade, a oportunidade de fazê-la sua e construir a cidade que eles desejam habitar, sua chance de entender esse espírito de experimentação para sua própria vida e seu próprio tempo?” (p. IV).

Refletir sobre estas formas de movimento e seus fluxos vai integrar os estudos sobre o fenômeno urbano como parte intrínseca desta realidade. Uma preocupação proeminente dos intelectuais do

século XIX e início do século XX, em quem nos debruçaremos logo mais. É no contexto urbano que temos o mundo revelado em complexidades estéticas e de classes, de formatos, cores, atmosferas, texturas, uma *anima mundi*, a alma do mundo do platonismo a que se refere James Hillman, em *Cidade e alma* (1993, p. 14). É a caminho da cidade, nos termos de Eunice R. Durham (1978), que os deslocamentos de populações e migrações predominaram como fenômeno de uma época industrial. Em particular, no trabalho (assalariado), tornando-se claramente o processo de integração de migrantes rurais a uma sociedade urbano-industrial (Durham, 1978, p. 10).



Kurt Benno Eckert com seu irmão Bruno e seu amigo João. Footing no centro de Curitiba. Acervo de Cornelia Eckert.



Célia Leal de Carvalho e sua irmã Sueli Leal de Carvalho, na rua dos Andradas (rua da Praia) em Porto Alegre. Acervo de Ana Luiza Carvalho da Rocha.



Antônio Augusto Pires da Rocha e um amigo na Rua dos Andradas (Rua da Praia) em Porto Alegre. Acervo de Ana Luiza Carvalho da Rocha.

Sem dúvida, o espaço urbano é complexo, como o demonstra Henri Lefebvre (1981), em sua obra sobre a produção do espaço, pois religa o mental e o cultural, o social e o histórico. Une descoberta, produção e criação, transformação do ambiente, construção da paisagem, instauração do patrimônio construído. Muitas instituições se imbricam; muitas contradições se explicitam; muitos dramas se reproduzem, como a desigualdade, a vulnerabilidade, a discriminação.

A hierarquia dos espaços ocupados revela as lógicas do poder político, do mercado de produção, pelos conflitos provocados no modo capitalista de dominação do espaço na escala urbana, como concebe Lefebvre (1981). Mas é este o espaço que abriga os matizes contraditórios engendrados pelo valor liberdade (de reprodução, de consumo, de resistência) na cidade democrática, contexto das contradições do espaço (Lefebvre, 1981, p. 368) em que reconhecemos as tensões entre a concepção cartesiana do espaço, que inclui poucos e exclui a maioria, e as lógicas do vivido em suas múltiplas inteligibilidades e sensorialidades, que embaraçam os nexos de mercado, de poder, do consumo, etc.

Um breve percurso antropológico

11

Nos tempos modernos, consolida-se a antropologia como uma disciplina da relativização de categorias de entendimento do mundo social e da metodologia do trabalho de campo como processo experimental de pesquisa. Malinowski (1963) inscreve um método de observação e de convivência na longínqua Melanésia. Os deslocamentos propostos ocorriam entre mundos com tradições diferentes e uma nova metodologia propõe o registro sistemático desta experiência de vivência com o Outro. Mas, nesta prática, a alteridade é fixa, em uma percepção que parte da conquista de uma tenda cravada no seio da comunidade estudada.

Tempos de viagens para o distante lugar ao encontro do Outro, vivenciando a experiência de ser estrangeiro (Simmel, apud Moraes, 1983), investindo em uma prática etnográfica de deslocamentos nas diversidades culturais para o jogo da familiarização e do relato da experiência de observar e conviver com a alteridade distante.

Na temporada '*levistraussiana*', este processo é interpretado como deslocamento no espaço, no tempo e na hierarquia social (Lévi-Strauss, 1996). É o que afirma o antropólogo francês em *Tristes Trópicos*, em que relata o que denomina de Mundo Novo, um país na infância de uma memória social ainda fugaz. Este viajante (caminhante reflexivo sobre as cidades dos trópicos) conjectura sobre o moderno estruturalismo cotejando suas experiências nas cidades brasileiras - Guanabara, Cuiabá, São Paulo, Londrina, Curitiba -, com outras, revisitadas mentalmente, como Nova York, Paris, Calcutá, etc.

No capítulo "As massas", o autor descreve sua experiência de visitar Calcutá e o mistério que encobre o valor do viver em cidade, mesmo marcada por lixo, desordem, promiscuidade, ajuntamentos, ruínas, lamas, imundícies, humores, secreções, tudo o que odiamos e tudo o de que nos protegemos. Mas, acrescenta, estas consideradas impurezas são subprodutos do convívio. E, longe de repugnar o indivíduo, esta rua, este atalho, aquela viela fornecem um lar. A rua adquire uma espécie de estatuto doméstico (Lévi-Strauss, 1996, p. 126). Territorialidades de vida cotidiana e praticada, que logo chamaram a atenção da moderna ciência antropológica, atenta às transformações globais de seus universos de estudo (tribos, comunidades, grupos, famílias, parentescos, redes), cada vez mais situados em conglomerados urbanos onde, mesmo mediante as novidades e adversidades advindas da industrialização, da urbanização e da indiferença, elaboraram os lugares de memória e de pertença de comunidades de destino e de identidade.

O antropólogo a caminho da cidade foi um processo tardio em relação à coirmã sociologia, em especial à sociologia dita americana e, claro, ao próprio urbanismo. Ulf Hannerz, em *Explorando a cidade* (2015), dedica-se a reconhecer a construção de uma antropologia urbana ao analisar sua emergência no âmbito da sociologia dos anos 60, com expressiva produção a partir dos anos

70. Fronteiras confusas: ele próprio realiza este decurso, mas em direção a uma antropologia urbana, dando prioridade à concepção relacional da sociedade (p. 21), “etnografando” ao menos três contextos urbanos: Washington, George Town e Kafanchan. Uma trajetória que passa pelos “etnógrafos” de Chicago, cujos trabalhos repercutem desde o século XIX e início do século XX, impulsiona o estudo do fenômeno urbano na esteira dos grandes pensadores da cidade moderna - Durkheim, Weber, Simmel entre outros -, como, por exemplo, os intelectuais da escola marxista (Engels, Marx, etc.) (Velho, 1967).

Hannerz (1997) também qualifica os estudos antropológicos urbanos dos intelectuais da chamada Escola de Manchester, que focam as experiências situacionais das vivências urbanas na África Central ou na Ocidental, colonizadas pelo império inglês, dando conta dos movimentos migratórios para a concentração em cidades de importância econômica. Considera, em sua metodologia das redes sociais, o impacto da colonização, da destribalização e dos conflitos sociais, revelando seu caráter processual por serem redes em transformação.

No Brasil, influenciados por estas correntes intelectuais, as antropólogas Durham (1978), Cardoso (1986) e os antropólogos Velho (1980, 1981, 1986, 1994, 1996) e Oliven (1980, 1985) estão a caminho da cidade, ou na própria cidade, quando não em seu bairro e no seu edifício para etnografar uma alteridade próxima. Nesta corrente de pensadores, Gilberto Velho opta pelo conceito de *desfamiliarização* como desafio dos estudos antropológicos na cidade, considerando os perigos dos seus vínculos estreitos com o seu universo de pesquisa: as camadas médias urbanas da zona sul do Rio de Janeiro. A alteridade não é mais fixa, pois, as próprias posições dos indivíduos estão em constante transformação, como o conceito de metamorfose pode contemplar. Na obra des-

te narrador urbano, o antropólogo se desloca entre bairros, contextos, redes e situações diversas, mapeando as tensões do viver urbano dos sujeitos “psis”, em contraste com os sujeitos éticos, considerando os deslocamentos entre experiências de classe e/ou geracionais, estilos de vida, trajetórias, projetos de vida, visões de mundo, redes de afetos, de poder, de disputa, de consumo, zonas morais ou de conflito, mediações e disputas com violências simbólicas e reais no interior de campos de possibilidades.

A dialética do deslocamento na cidade

Esta ânsia pelo viver urbano que invade a alma do antropólogo urbano só pode ser entendida, plagiando expressão de Baudelaire, por uma metafísica do provocador. Melhor dizendo, só um conceito como o da dialética nos permite compreender este nível do contraditório, ou ao menos a teoria processual e materialista, diria Fabian (2013, p. 172). Quem traz Charles Baudelaire como um lírico no auge do capitalismo é Walter Benjamin (1989,1990), o poeta das contradições da cidade moderna, em cuja obra emerge o sentido do indivíduo e da subjetividade, do mal e da crise. A indiferença e a objetividade ameaçam a vida moderna, que se amarra a razões economicistas. Benjamin se preocupa com o empobrecimento da experiência, de sua transmissão e criatividade. Como escreve Paola Jacques, em *Elogios aos errantes*, apoiada em Giorgio Agamben (2006), a ameaça é a da esterilização da experiência, sobretudo da experiência da alteridade na cidade (Jacques, 2012, p. 13–20). Sempre inspirado em Baudelaire, o poeta dos deslocamentos, Walter Benjamin, nos dá a chave de acesso ao mundo cotidiano da vida moderna, desterritorializando culturas e suspeitando das verdades

históricas dos dominantes. O rústico e o bucólico dão lugar aos fluxos de pessoas e máquinas, à agitação das mídias e à circulação do dinheiro, como profetiza Simmel (1900, 1907).

São tempos radicais de fluxos, mudanças, migrações de toda ordem (econômicas, ideológicas e políticas) e que nos interessam sobremaneira para tratar da dialética do deslocamento no tempo e no espaço, prioridade para refletirmos sobre imaginação e mobilidade. Afastamo-nos, aqui, da rítmica linear e funcional das concepções progressistas, para reconhecer, na dialética dos movimentos, uma perspectiva temporal do viver no contexto urbano, percebendo os indivíduos em múltiplas situações no mundo social, convergindo com o tema das alteridades sempre em deslocamento.

A adesão à cidade moderna não implica tampouco submissão às utopias de urbanistas e legisladores. Mostram os poetas e reforçam os narradores urbanos que o corpo idílico de um planejamento urbano e estetizado pelo poder de dominação é preñado de paradoxos, que criam tensões à própria premissa de modernidade. Os tempos de globalização e de homogeneização compreendem igualmente fraturas e subversões, como instiga a noção de híbridos, conceito contemplado nas obras de Ulf Hannerz (1997) e Nestor Canclini (1990). Apontam, estes autores, para os hibridismos no tempo e no espaço, argumentando criticamente não existir um “não lugar” (conceito proposto na obra de Marc Augé, 1992) e que a vida urbana é sempre complexa e recheada de múltiplos sentidos pela qualidade inventiva de seus cidadãos, que impacta nos ritmos das vidas cotidianas.

O movimento bachelardiano: a ação imaginante

Pensamos com imagens, diz Bachelard; expressamos este imaginário por símbolos (Durand, 1979). Não apenas percepção,

lembrança de uma percepção, memória familiar, hábito de formas. Imaginação é, antes, a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção; é libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens (Bachelard, 2001, p.1). Isto comporta ação sobre a matéria e ação no tempo.

Estamos, pois, tratando de uma imaginação fundamentalmente criadora, e não apenas reprodutora, como a restringia a vontade cartesiana. Bachelard se apoia em uma estrutura vibratória, na vontade como desejo e no tempo como ritmo. Dois eixos de interpretação que sustentam o impulso criador que nos inspira como tema na pesquisa de narrar a vida nas cidades em suas rítmicas temporais.

Os estudos bachelardianos também nos sustentam no objetivo de homenagear a prática da etnografia nas cidades, no processo em que a imaginação é mediatizada pelo corpo-movimento que incorpora escolhas, tensões e objetividades. O próprio tempo é objetivo em suas diversas expressões, como tempo do trabalho, tempo de reprodução, tempo de aprendizagens, tempo da pesquisa.

Das obras noturnas do alquimista das imaginações, detemo-nos agora em o *Ar e os sonhos*, dedicada à poética do movimento. Nesta obra - o *Ar e os sonhos* -, Bachelard (2001) nos ensina sobre a ação imaginante, o que desde sempre reivindicamos para o exercício da etnografia de rua pela experiência cognitiva do olhar apurado e afetado pela tomada de imagens (visuais e sonoras), associada à técnica de captura nos processos de deslocamento por ruas, becos, esquinas, e lugares diversos. A cidade, captada em suas estéticas, artes e ruínas pelo etnógrafo andarilho, em busca de conhecimento, compreende que as experiências são efêmeras, que as ações e situações se fazem e desfazem no jogo do social.

O mundo dos objetos se oferece à imaginação, mesmo que a cidade verticalizada se imponha como obstáculo ao olhar. O des-

locar-se é um movimento que permite subverter a objetividade da matéria e imaginar a passagem do tempo. A etnógrafa andarilha dialoga com esta cidade temporal; interpela esta rítmica com sua própria ação criativa apoiada no campo conceitual (para nós, um campo semântico que elaboramos por categorias e palavras-chaves de interpretação), que qualificam as imagens captadas, as experiências observadas, as sonoridades apreciadas.

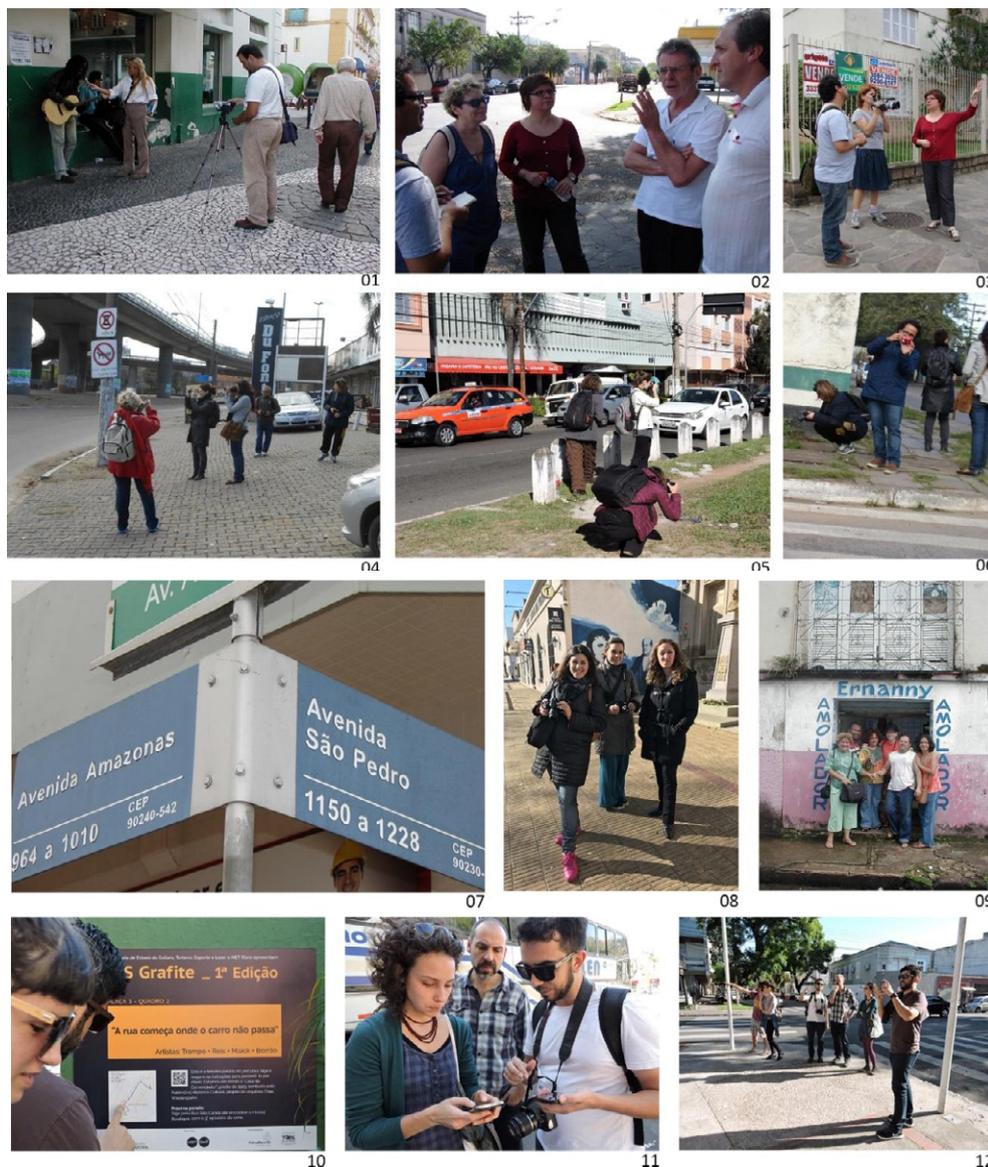
Esta preocupação com a cidade em seus múltiplos ritmos - ritmos dos sujeitos, da biosfera, da natureza, das ruas, das cidades, do mundo - segue outras obras de Bachelard, nas quais o autor se ocupa com a dialética entre o instante e a duração, o contínuo e o descontínuo. É na *Dialética da duração* (1988) e na *Intuição do instante* (2007) que o movimento das experiências temporais pensadas e vividas nos aportam clareza sobre a rítmica dos instantes e nos inspiram para uma nominação da produção de coleções de imagens com base nos estudos de campo: a etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2014).

Como ensinamos em etnografia da duração, trata-se, em princípio, de um lugar epistemológico de pesquisa a partir do qual aderimos ao pressuposto de que os seres humanos são habitados por imagens, se pensam através delas e enquadram o tempo e o mundo a partir de determinadas constelações de imagens.

É a cidade, em suas múltiplas rítmicas, como nos ensina Bachelard, que importa ao pesquisador caminhante, contemplando, em suas deambulações, as situações e paisagens descritas e registradas, ou na escuta das narrativas sobre os tempos vividos na cidade, objetiva e subjetivamente, expressão de imagens que vigoram nas memórias inter e intrageracionais. Em face das inúmeras imagens produzidas ou consultadas, chega a hora de narrar as imagens, tarefa que se propõe o projeto Banco de Imagens (Biev).

A arte de narrar as (nas) cidades: etnografia de (na) rua...

Ana Luiza Carvalho da Rocha • Cornelia Eckert



01. Etnografia de rua em Florianópolis, Brasil. Foto Cornelia Eckert, 2007.
02. Etnografia de rua em Porto Alegre, Brasil. Foto Anelise Gutterres, 2012.
03. Etnografia de rua em Porto Alegre, Brasil. Foto Cornelia Eckert, 2012.
04. Etnografia de rua em Porto Alegre, Brasil. Foto Fabrício Barreto, 2012.
05. Etnografia de rua em Porto Alegre, Brasil. Foto Cornelia Eckert, 2012.
05. Etnografia de rua em Porto Alegre, Brasil. Foto Cornelia Eckert, 2012.
07. Etnografia de rua em Porto Alegre, Brasil. Foto Cornelia Eckert, 2012.
08. Etnografia de rua em Tandil, Argentina. Foto Cornelia Eckert, 2017.
09. Etnografia de rua em Belém do Pará, Brasil. Foto Ana Luiza C. da Rocha, 2014.
10. Etnografia de rua em Porto Alegre, Brasil. Foto Cornelia Eckert, 2017.
11. Etnografia de rua em Porto Alegre, Brasil. Foto Cornelia Eckert, 2017.
12. Etnografia de rua em Porto Alegre, Brasil. Foto Cornelia Eckert, 2017.

Narrar a vida urbana: coleções etnográficas no Biev

Um interregno na apresentação desta comunidade interpretativa sobre os deslocamentos na cidade nos parece agora importante para esclarecer o processo de pesquisa que levamos a termo para acomodar a compreensão do tratamento das imagens produzidas nas etnografias das cidades. Para nós, é cara a pesquisa que aciona as imagens das cidades na forma de coleções etnográficas. Referimo-nos ao projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais (Rocha e Eckert, 2016), em que a ação imaginante nos orienta na elaboração de narrativas imagéticas na forma de coleções etnográficas em web site. Isto implica apoiar-se nas tecnologias digitais para a extroversão do conhecimento antropológico produzido.



Site do Biev: <https://www.ufrgs.br/biev/>

Metodológica e teoricamente, o que importa é a intenção de narrar as imagens que habitam as memórias pensadas e vividas dos cidadãos em suas múltiplas experiências de viver na cidade. Empreitada orientada pelo método da convergência (Durand, 2012), pelo qual relacionamos as narrativas etnográficas produzidas a partir de documentos visuais, sonoros e textuais, antigos e

recentes, resultantes de pesquisas em acervos ou das etnografias individuais e coletivas no âmbito do projeto. No Biev, o método de convergência, nos ajuda na perspectiva experimental no campo das tecnologias e da web com a etnografia hipertextual. Nesta empreitada - de recorrer a novas linguagens -, como não lembrar das provocações de Aby Warburg em sua coleção Atlas Mnemosyne (2002), que corrobora nossos exercícios de narrar com imagens.

O método de convergência reúne alguns procedimentos complexos, como analisar, separar, agrupar e ordenar os documentos etnográficos obtidos em campo (sonoros, visuais e escritos), tendo em vista a forma ou a feição de seus arranjos para a descrição dos fenômenos da cultura, segundo a compreensão de determinadas estruturas figurativas que os conformam. A natureza experimental se deve a um claro compromisso ético e político de crítica aos próprios cânones da disciplina e à sua abertura para a interdisciplinaridade e a inventividade.

Esta é, para nós, a tarefa do/a antropólogo/a, pois a ele(a) compete narrar a produção de sentidos. Tarefa de partilhar, através de uma linguagem estetizada por instrumentos técnicos (escrita, fotografia, documento, vídeo, som, dispositivo web...), as múltiplas experiências que incitaram o conhecimento junto aos habitantes em seu viver urbano e que fazem dessas linguagens depositárias das experiências etnográficas em suas perspectivas processuais e situacionais. É a forma de colocar no círculo das trocas (acadêmicas, comunitárias) cada palavra, cada gesto, cada rastro, cada imagem que desperta a memória coletiva de seres cidadãos.

A bagagem intelectual que a obra de Bachelard nos deixa sobre o conceito de imaginação, para quem, aliás, a pergunta não está na representação das imagens, mas em sua transformação e na de seus movimentos, inspira-nos sobremaneira em nosso empreendimento de pesquisa no Biev, fazendo referência a esses

deslocamentos das imagens que concebem a rítmica das sobreposições temporais no fluxo da vida na cidade de Porto Alegre, nosso lugar, entre outras cidades, de esforço metodológico.



Porto Alegre, acervo PMPA.



Avenida Oswaldo Aranha, Porto Alegre.
Foto de Cornelia Eckert, 2013.



Vista do estuário Guaíba e usina do Gasômetro. Foto de Ronaldo Corrêa, 2013.

Etnografia nas ruas da cidade

Na Antropologia Urbana, os etnógrafos que narram o viver citadino são muitos; todos/as nos orientam na reflexão sobre o etno-

grafar na e da cidade. A etnografia de (na) rua, pareceu-nos, desde 1997, quando da criação do projeto Biev, uma boa tática para estas experiências de deslocamento. Desde este período fundador, propomos este exercício de caminhar na cidade com instrumentos de produção imagética relacionada a comunidade interpretativa, que nominamos narradores urbanos⁴. Ou seja, sempre evocamos as múltiplas narrativas que configuram as experiências do viver urbano relacionadas às trajetórias de quem concebe o exercício reflexivo sobre e na cidade.

Apraz-nos, a respeito deste investimento, considerar a composição entre a etnografia nas ruas e a etnografia da duração, que propomos no Biev e no Navisual (Rocha e Eckert, 2005, 2016), práticas que nos desafia à imaginação criadora, à bricolagem dos arranjos temporais observados e escutados, registrados ou perscrutados em acervos, que ritmam o viver cotidiano de ser e estar nas cidades contemporâneas. Nas experiências da escrita etnográfica (ou fílmica, ou fotográfica, ou sonora), produzimos relatos, reproduzimos histórias, abrimos as narrativas e suas tramas aos leitores (Rocha e Eckert, 2016).

Nesses termos, nosso interesse nos conduz ao estudo das formas múltiplas do viver a cidade, das experiências geracionais de continuidade e de descontinuidade nos ritmos urbanos, em que se configuram sociabilidades, redes de trocas, interações em que nossos interlocutores subvertem limites de planejamento e administração urbana, negociam conflitos e rearranjam situações de crise, vulnerabilidade ou imprevisibilidade.

A cidade moderno-contemporânea e suas possibilidades interpretativas derivam de sua condição de unidade de ação para uma comunidade urbana. Ela é, ao mesmo tempo, em múltiplos planos, expressão autoral de seus habitantes e condição exis-

⁴ Vide coleção Narradores Urbanos, produção de nossa autoria, que consiste em nove documentários, em que entrevistamos Gilberto Velho, Ruth Cardoso, Eunice Durham, Ruben Oliven, Alba Zaluar, Antônio Augusto Arantes, Tereza Caldeira, José Guilherme Cantor Magnani, Hélio R. Silva, disponível para consulta em: <https://www.ufrgs.br/biev/?xylus-portfolio=narradores-urbanos>

tencial de um querer-viver coletivo (Maffesoli, 1979). Focamos as complexas rítmicas, que não reduzem as práticas vividas a mero reflexo do somatório de suas ações, nem a mera imitação de seus gestos. Por isso mesmo não nos limitamos a reconhecer os espaços em oposições estruturais e suas mediações, como sugere a obra *a Casa e a Rua* de Roberto Da Matta (1997).



Montagem comemorativa dos 10 do Biev, 2007 (imagens da cidade de Porto Alegre).

A aventura antropológica na cidade moderna

Uma aventura antropológica nas grandes metrópoles contemporâneas se deve a uma rede de interpretações que inspira a longa trajetória do encontro da Antropologia Urbana com a Antropologia da Imagem (visual), ou, simplesmente, com uma Antropologia das complexidades ou das sociedades complexas, como reivindicava Gilberto Velho (1981).

Como não homenagear, nesta trilha, Georg Simmel, autor da instigante obra *Da metrópole e da vida mental* (1903, 2013), em que trata da emergência histórica do indivíduo moderno e da centralidade da visualidade (e sonoridade e olfato) na cidade, ao referir o quanto a cidade exercia uma poderosa impressão sobre os sentidos! Um contexto em que o choque no viver urbano concebe tipos *blasés* que acentuam, por um lado, os valores da liberdade, mas igualmente, por outro lado, o da desigualdade e o da diferenciação interna entre indivíduos (Salem, 1992, p. 65). Sua estilística moderna, ensaística, demonstra o sentido e a validade da ênfase na forma e no procedimento mediante a constatação de que o processo afeta os resultados (Waizbort, 2000, p. 22). Trata-se de uma acentuação autônoma do processo em detrimento do conteúdo.

Múltiplas formas, maleabilidade, pluridirecionamento, multiplicidade, ênfases que Simmel dá ao movimento, à mobilidade do espírito, como marca da modernidade. Este mestre traz uma teoria de conflitos e formas sociais preche de um sujeito autônomo e livre que percorre uma pluralidade de caminhos, livre de dogmatismos. Simmel (2000) rompe com a noção de realidade fixa, e concebe a noção de sujeitos que se deslocam na pluralidade de passagens possíveis, com uma mobilidade que a própria vida lhe permite, plena de discrepâncias e contradições, tensões e confli-

tos. Aventura-se em múltiplos temas, sempre vislumbrando novas perspectivas e caminhos a serem percorridos.

Leopoldo Waizbort, em *As Aventuras de Georg Simmel* (2000, p. 29 e 30), aproxima o esforço simmeliano de reconhecer as formas da vida social a uma variação nietzschiana, de sempre escavar as camadas mais profundas, interpretações de interpretações, um processo de dar um sentido que nunca se cristaliza, sempre aberta ao movimento que é próprio da vida e do próprio processo de interpretação que requer tempo, memória e constelação de imagens. Uma arte de interpretar, em que emerge a criatividade dos atores no desempenho de papéis em encenações diversas, relacionando subjetividades e objetividades, sujeitos e objetos, formas e conteúdos. Nesta filosofia da aventura cidadina, a alteridade se desloca, a arte de jogar o social indica multiplicidade de posições e estéticas de viver.

Da moderna metrópole emerge outra voz interpretativa, mais crítica e politizada, a de Walter Benjamin, que aposta nas narrativas de sujeitos experientes para fazer vibrar as imagens do conhecimento. As imagens de nossas memórias, em seus complexos movimentos, são narradas por todos nós na prática da transmissão no convívio social. Esta é uma “trans-estética”, como alegóricas são as personagens do cotidiano na metrópole. Benjamin nos ensina a narrar a cidade e a escutar a polifonia de vozes deslocando-se em suas paisagens transformadas pela modernidade. As experiências narradas constelam as observações e escutas fragmentadas, o que nos permite valorizar as imagens que ressoam as lembranças e projetos que acionamos na memória coletiva como fonte de todo conhecimento. Abordamos esse tema em outro momento de nossas trajetórias (Eckert e Rocha, 2015), quando discutimos os laços que unem nossa proposta de etnografia da duração ao estudo das galáxias dos jogos das memórias aos contextos das metrópoles a partir da pesquisa com coleções etnográficas e suas constelações.

Assim, não por acaso, em nossas pesquisas, nos deixamos influenciar pela arte benjaminiana de escrever a história com imagens (Fisiognomia), alvitando a *flânerie* na metrópole como processo de imaginação. Como esclarece Willi Bolle (1994), Benjamin propõe atenção minuciosa às imagens preches de história (1994, p. 42), que restauram a mentalidade de uma época: alegorias, imagens arcaicas, imagens de desejos, fantasmagorias, imagens oníricas, imagens de pensamento, imagens dialéticas. Esta é relação intrínseca entre corpo e cidade, influência da obra de Baudelaire (*Tableaux parisiens*, 1860), com quem aprende a usar a técnica de superposição que faz com que, miticamente, a percepção da cidade e a do próprio corpo se confundam (Bolle, 1994, p. 43).



Projeto: Carta aos Narradores Urbanos, Etnografia de Rua na Porto Alegre das Intervenções Artísticas. Homenagem a Walter Benjamin. Fotos Equipe NAVISUAL, 2017.

Benjamin refere-se a diversas metrópoles que emergem no século XIX como grandes capitais, Berlim, Paris, Nova York, Londres.

Tempos de moda do conceito de *mônada* (Leibnitz), em que se sobrepõem o eu e a cidade, a cidade e o mundo, atributos que convergem na figura do *flâneur*. Este, um personagem urbano, um homem na multidão, diria Poe (já em 1840), também importante para Baudelaire, e assim o será para Benjamin, tanto quanto o serão os tipos urbanos do colecionador, do catador de lixo, do boêmio, do trapaceiro, do malandro, do mendigo, da prostituta, do consumidor.

Os lugares da *flânerie* configuram a paisagem urbana da metrópole, em suas avenidas e galerias, ruas e becos, em que o flâneur peregrina mirando os transeuntes e as vitrines. Em sua errância, narra a modernidade.

A aventura antropológica na cidade contemporânea

27

Que autores invocavam a “experiência ocular urbana e as relações visualmente mediadas que se estabelecem no cenário urbano?” (Campos, 2010, p. 21). Que etnógrafos abordam a perspectiva do se deslocar embalados pela reflexão da vida social, das agências, das performances, dos estilos, das estéticas e das criatividades individuais e coletivas em bairros e ruas, trajetos e percursos, lugares e espaços nas metrópoles? Autores que nos instigam ao tema da imaginação afetiva, embalada pela fenomenologia do mundo social, como ensina Alfred Schutz, uma memória compartilhada que testemunha durações em desdobramentos (Ricoeur, 2000, p. 140), partilha de uma experiência que repousa em uma comunidade tanto de tempo quanto de espaço, considerando o mundo dos predecessores e dos sucessores, a etnografia da memória e da expectativa, uma fenomenologia da memória transgeracional (Schutz apud Wagner, 2008).

Estamos falando de uma etnografia viva, de experiências de alteridades sempre em deslocamento. Nisto, ou sobre o estar vivo, podemos recorrer ao trabalho de Tim Ingold. Este autor (Ingold, 2015, p. 44), no capítulo Limpando o Terreno (Parte 1), aplaude a natureza experimental da Antropologia. Sugere o experimento de caminhar e de reunir a percepção das resistências de materiais, gestos corporais e fluxos da experiência sensorial, que ritmicamente acoplam ação e percepção ao longo de caminhos de movimento. Lembra que locomoção e cognição são inseparáveis e uma explicação da mente deve estar tão preocupada com o trabalho dos pés quanto com o da cabeça e o das mãos. Teoriza sobre trazer coisas à vida sem necessariamente se submeter à teoria da agência. Trata-se, segundo o autor, de devolver a vida aos fluxos geradores do mundo de materiais através dos quais elas vieram à existência e continuam a subsistir.

Os deslocamentos nos tempos das “hermenêuticas instaurativas” são antes de tudo ruptura com os dogmas que se queriam clássicos e puristas, como nos ensinaram criticamente Foucault, Durand ou Deleuze, entre outros. Ruptura com epistêmes redutoras para almejar a dimensão dialógica em toda a sua carga narrativa e intersubjetiva, lembra Massimo Canevacci (1993, p. 100), um intelectual dos deslocamentos e da polifonia nas cidades.

Como sugere Tereza Caldeira (2000), o etnógrafo na cidade contemporânea não seguirá mais a tradição de buscar, observar e escutar uma alteridade distante, no sentido de que há um outro, fixo, distante, a cultura do Outro. Em sua obra *A cidades dos muros* (2000), desloca-se entre múltiplas narrativas sobre criminalidades e práticas de segregação na cidade de São Paulo. Entre interlocutores e políticas de governo, entre narrativas e documentos demográficos, não endossa uma posição de exterioridade, não descreve identidades estáveis, nem localizações fixas. Explora os espaços percorridos, reconhecendo as alteridades sempre em

deslocamento, na escuta e leitura das narrativas sobre o viver urbano e sobre a gestão urbana, nas contradições e paradoxos que explicitam as determinações de uma democracia disjuntiva.

Inspiração privilegiada vem de Michel de Certeau, historiador francês que pesquisou sobre a atividade criadora dos praticantes do ordinário (1984, p. 18), em sua investigação sobre a formalidade das práticas. Em seu gosto inveterado pela experimentação controlada na ordem do pensável (1984, p. 19), manteve a si e à sua equipe de trabalho na boa companhia de Bourdieu, Foucault, Spinoza e Wittgenstein.

Os jogos dos passos moldam espaços, tecem os lugares. A partir das observações em sua obra a Invenção do Cotidiano, nos restringimos ao Capítulo VII, "Caminhadas pela cidade e as enunciações pedestres entre mundos diferentes distinguindo o presente, o descontínuo e o fático". Com De Certeau (1984, p. 176), o processo de caminhar faz a cidade; subverte lógicas estatísticas e inscreve mapas que acomodam as trajetórias vividas. A caminhada (na cidade) afirma, lança suspeita, arrisca e transgride.

Autor propício para enfatizar a experiência de caminhar, observar, fotografar, filmar, gravar sonoridades começando ao rés do chão, com passos, com os quais um micromundo se desvenda sobre as totalidades. Assim como a enunciação está para a língua, o ato de caminhar está para o sistema urbano, que, a seu modo, passa a ser visto como um espaço de enunciação. Que presente este, para nós, etnógrafos, em nosso ofício de narrar a cidade pensada e vivida por seus habitantes, interpretando-a para além do normativo, do segregado e do proibido! Artes de saber, artes de fazer.

Todas as modalidades de deslocamento entram em jogo, mudando a cada passo e com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes. São figuras de estilo, porque existe uma retórica da caminhada, uma arte de moldar

percursos tal como a linguagem ordinária, esta arte implica e combina estilos e usos, que se supõe as práticas do espaço em que emergem imagens ambulatórias.



Projeto: Carta aos Narradores Urbanos, Etnografia de Rua na Porto Alegre das Intervenções Artísticas. Homenagem a Michel De Certeau. Fotos Equipe NAVISUAL, 2017.

Uma experiência rítmica que desvenda a cidade construída pelo homem para reconstruir a si mesmo como o interpreta David Harvey (2019). O cidadão descobre regiões morais em que pode alinhar identidades de grupo e de destino como nos ensinou a Escola de Chicago, em especial Robert Park (1976 apud VELHO, 1967). Estes são também os fluxos e complexidades culturais diz Ulf Hanerz (1997) - fluxo de dinheiro, de capital, trabalho, mercadorias, de informações, de pessoas, de imagens, etc.- em seus hibridismos e globalizações onde redes assimétricas, para evocar Latour (2005), estão latentes.

Seja no enraizamento a um lugar de pertencimento, seja no deslocamento pela diversidade de lugares vividos, importa-nos conhecer como a experiência humana se ofereceu aos sentidos, ao olhar, à escuta, ao cheiro, etc. Esta premissa é de Pierre Sansot (1998), o sociólogo das “variações paisageiras”, em uma clara alusão à mobilidade da vida: deslocar-se sempre como jogos de percepções, privilegiando a atenção às formas sensíveis que movem os habitantes em suas lógicas de viver os espaços e os tempos culturais. A paisagem é, em Sansot (1986, 2004, 2009), essa experiência humana plural e descontínua, na qual os sujeitos em suas biografias relacionam imagens motivados pelo saber e pelo imaginário. As

marcas e os rastros dos deslocamentos são facilmente apagados. Pouco importa. Novos passos e caminhantes renovados atuarão, adensando as múltiplas linhas a desenhar a paisagem urbana.

Assim como em De Certeau (1984), são sobretudo os anônimos que fazem a cidade em suas retóricas de caminhada, e sobre eles repousa a atenção do etnógrafo do sensível. Em *Du bom usage de la lentueur*, Sansot (1998) apresenta a prática da *flânerie* como uma prática de deslocamento livre em passos lentos na cidade apressada. Retórica que lembra fortemente nossa prática de etnografar na rua, perdendo-nos na multidão, maravilhando-nos com o instante em meio a uma sociedade de consumo, estranhando a ambiência urbano-familiar, surpreendendo-nos com os caminhos, com os prédios, com os *habitués* ou com a massa que transita na paisagem questionada (Sansot, 1986, p. 33). A arte francesa da *flânerie*, à qual Benjamin tanto rendeu homenagem, é prodigiosa em tal prática. Georges Perec, André Breton, Henri Toulouse-Lautrec, entre outros, reverberaram a paisagem urbana em suas rotinas, hábitos, dramas e paixões. Na Paris da *belle époque*, ou revitalizada, de Haussmann, o caminhar é impulsionado pela ambiência das ruas largas ou das vielas históricas, sempre uma aventura memorável em que é colocada em jogo uma parte não negligenciável do nosso ser (Sansot, 1986, p. 41).

Não por acaso outro francês faz um *elogio à caminhada e à lentidão*, David Le Breton (2000); embora não se limite a pensar a paisagem urbana, propõe que o caminhar seja um abrir-se ao mundo, um conhecer o outro e a si mesmo. Formas de expressar nostalgia ou resistência, formas de saborear a vida tanto quanto subversão a uma condição contemporânea, caminhar em silêncio como resistência política.

Mas é o artigo da antropóloga francesa Colette Pétonnet que mais afeta nossos projetos de etnografia de rua. Nos referimos ao artigo *A observação flutuante: exemplo de um cemitério parisiense*

(2008) onde a mestra nos ensina a transitar em uma territorialidade diferenciada, um cemitério célebre em Paris por acolher muitos intelectuais e artistas famosos se tornando um circuito para os turistas e mesmo para os *habitués*, um lugar de passeio. Assim caminhando e observando identifica um grupo de frequentadoras que tem por característica comum a preocupação em alimentar os gatos dos arredores com quem trava diálogos e percepções sobre as práticas que os frequentadores concebem.

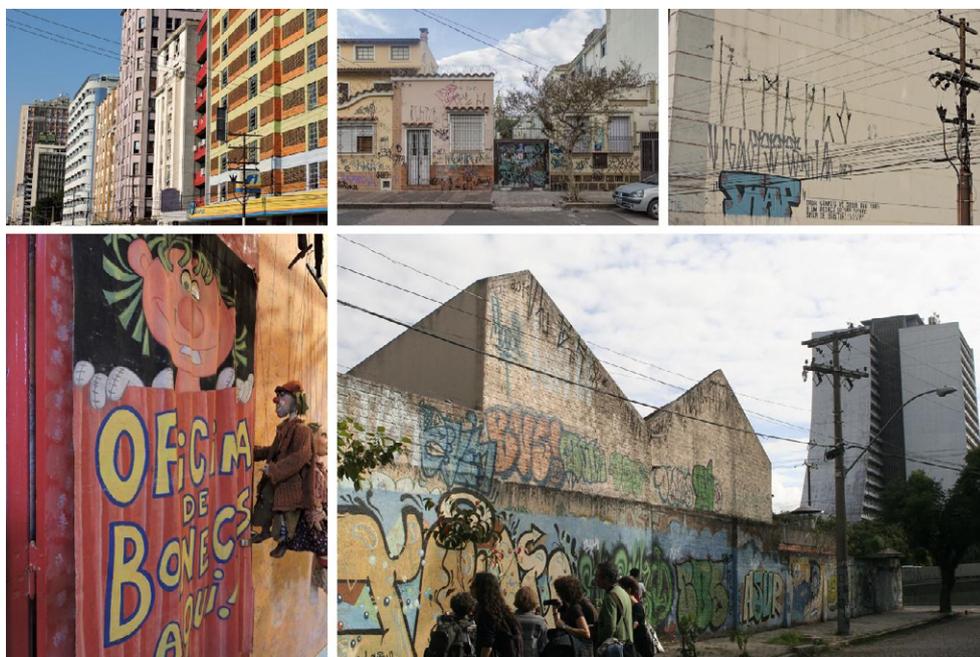


Projeto: *Carta aos Narradores Urbanos, Etnografia de Rua na Porto Alegre das Intervenções Artísticas. Homenagem à Colette Pétonnet. Fotos Equipe NAVISUAL, 2017.*

A estas alturas estamos ratificando nossa identificação com a prática da etnografia no contexto urbano, do estranhamento do familiar como promovia Gilberto Velho (1975, 1978, 1980, 1981, 1986, 1989, 1994).

Em São Paulo, José Guilherme Cantor Magnani herda esta fluência em sua proposta de etnografar a cidade, e nos fornece ferramentas didáticas importantes para percebermos passagens, fronteiras, limites e diversidades de sociabilidade urbana. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole* (1996), ou sua tese de livre docência *-Da periferia ao centro, trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana* (2012) -, desvenda-nos pedaços e manchas, entre trajetos e pórticos: “Trata-se de espaços, marcos ou vazios na paisagem urbana que configuram passagens” (2012, p. 96). Circuitos

percorridos de fora e de longe, de dentro e de perto, o etnógrafo atravessa ruas, entra nas casas, em botecos, tanto quanto percorre lugares mais plurais e heterogêneos, mas onde sempre acaba por reconhecer códigos, riscos, lógicas de trocas ou práticas de evitação. Magnani remete a um trabalho denso e prodigioso para a pesquisa no contexto citadino. Destacamos, aqui, um projeto mais próximo da etnografia de rua, embebido no conceito de circuitos urbanos do autor: *Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole*, uma experiência primorosa para a Antropologia Urbana (2012).



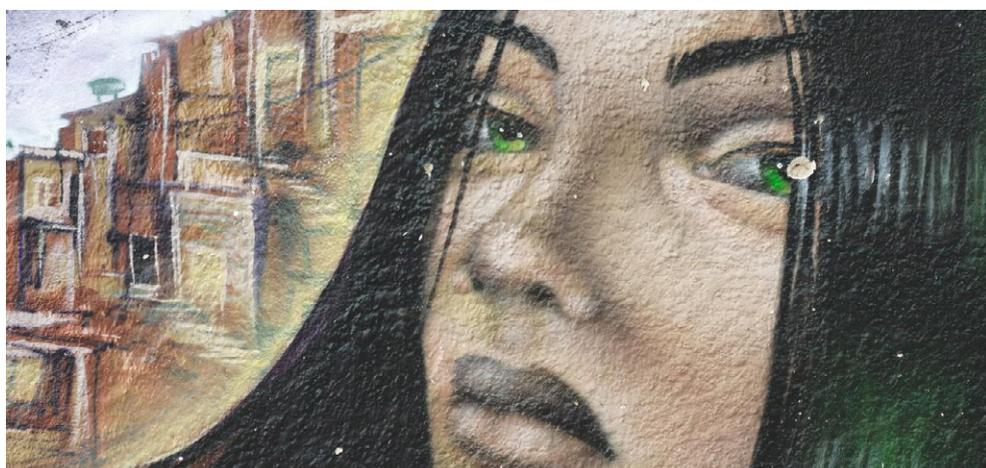
Projeto: Carta aos Narradores Urbanos, *Etnografia de Rua na Porto Alegre das Intervenções Artísticas. Homenagem à José G. C. Magnani. Fotos Equipe NAVISUAL, 2017.*

O autor José G. C. Magnani, bem como os pesquisadores do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo, contribui com um campo conceitual e pesquisas de grande envergadura para o aprendizado da prática etnográfica na experiência urbana. Outro pesquisador deste núcleo, Heitor Frúgoli (2013, 2014), em uma experiência de estudo a Portugal, caminha em busca das rela-

ções entre múltiplas redes de sociabilidade lúdica no Bairro Alto em Lisboa. Frúgoli percorre festas de rua ou de bairro em especial na rua da Barroca relatando as situações vividas nestes lugares e interlocutores habitués. Em São Paulo, em um exercício bem mais complexo, percorre o bairro Luz no território referido como cracolândia, que compõem o dossiê Luz, São Paulo (Frúgoli, 2012).

No Rio de Janeiro, o narrador urbano Hélio R. S. Silva nos leva a conhecer um cenário urbano de cunho noturno, estetizado pelos dramas da desigualdade e da exclusão, que cadenciam o contexto carioca. Em textos primorosos pela qualidade literária, o mestre das palavras narra sobre os meninos nas ruas, sobre as/os travestis e profissionais do sexo, sobre trabalhadores que atravessam as zonas centrais para sobreviver, recolhendo-se nas periferias após longas horas de transporte. O autor valoriza o olhar do etnógrafo como um *travelling* que recupera o sentido no deslocamento, que vê onde o andar lhe leva rastreando as marcas da experiência sensível e que, finalmente, será inscrito no relato, descrição, interpretação que “ajusta o foco do olhar sobre as claudicações do andar” (Silva, 2009, p. 176).

No livro *Travesti: a invenção do feminino* (1993), Hélio percorre ruas, becos, bares e esquinas do bairro da Lapa em busca de seus interlocutores a fim de entender a dinâmica do trabalho e a construção de suas identidades.

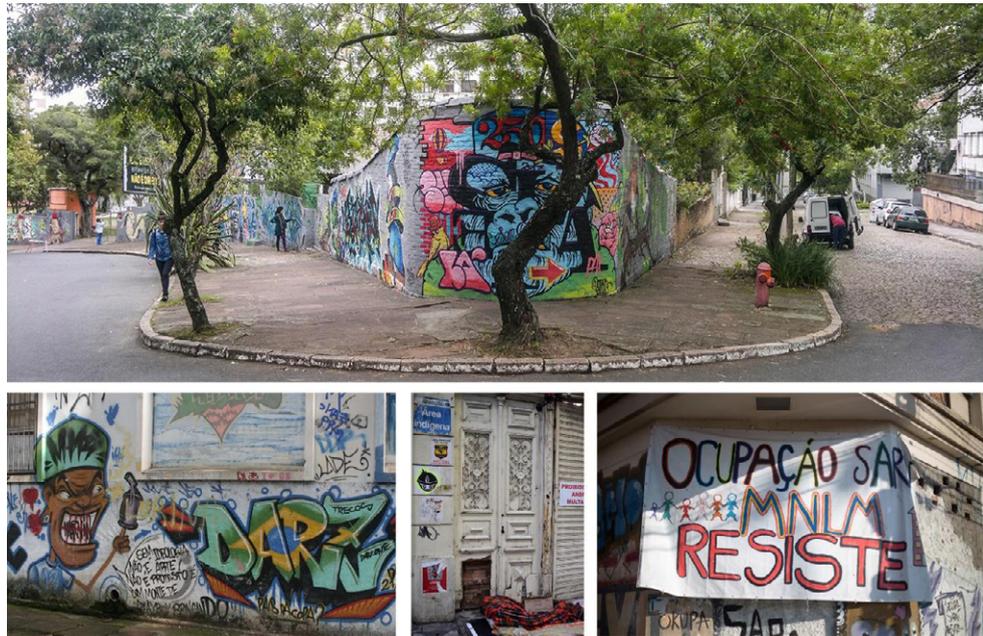




Projeto: Carta aos Narradores Urbanos, Etnografia de Rua na Porto Alegre das Intervenções Artísticas. Homenagem a Hélio Silva. Fotos Equipe NAVISUAL, 2017.

Em Boston, William Foote Whyte (2005) narra como se tecem redes de sociabilidade nas esquinas para retoricamente falar dos guetos e bairros periféricos onde se concentram trabalhadores, de modo geral oriundos ou herdeiros de processos migratórios. Percebe, nestes lugares, as gangues de rapazes que perambulam como tribos urbanas nos bairros italianos em uma região pobre e degradada. A partir da interação com seu principal interlocutor, chamado Doc, Whyte descobriu redes de reciprocidade, cooperação e lealdade entre os habitantes daquele bairro de vocação operária, estereotipado como “pobre”, devido às condições financeiras dos que ali habitavam.

Os elogios às errâncias nos bairros, como sugere Foote-Whyte (2005), nos ensina extraordinariamente sobre desvendar as interrelações, suas hierarquias, estigmas e conflitos. Diversidades, não raro marcadas por diferenças socioeconômicas, por lógicas de poder e ideologia, como mostra Ariel Gravano em seus estudos em Buenos Aires, em sua obra *Antropologia de lo barrial* (2003), ou em outras cidades argentinas, estudadas por ele e suas orientandas, pesquisadoras do Laboratório de Estudos Urbanos, Ana Silva e Silvia Boggi, publicados em *Ciudades vividas, sistemas e imaginários de ciudades medias bonaerenses* (2015).



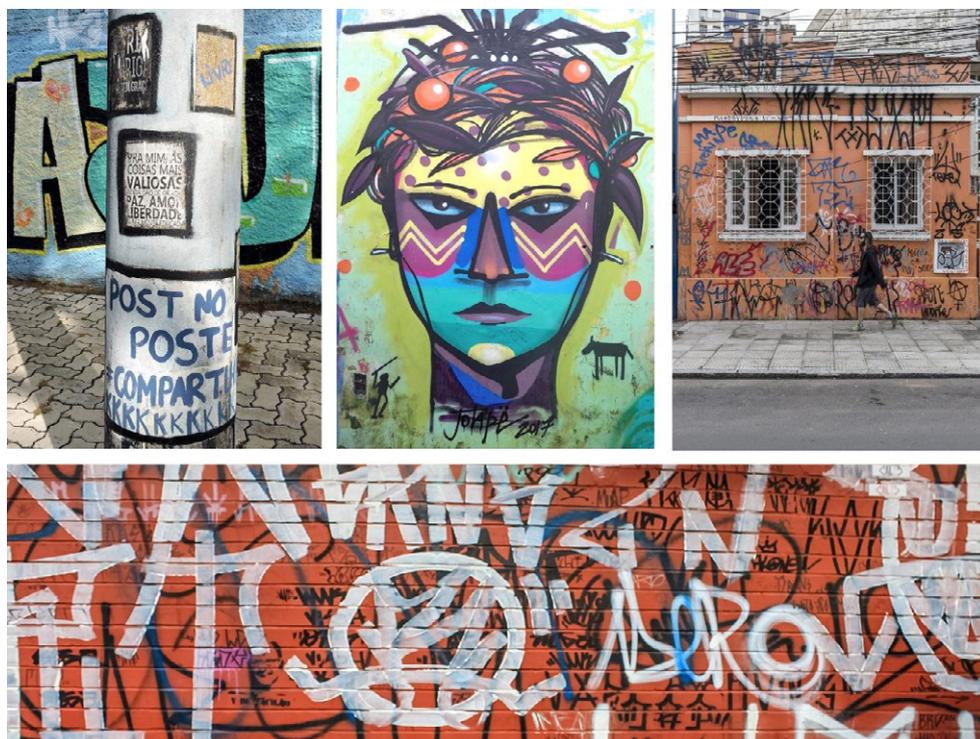
Projeto: Carta aos Narradores Urbanos, *Etnografia de Rua na Porto Alegre das Intervenções Artísticas*. Homenagem à William Foote Whyte. Fotos Equipe NAVISUAL, 2017.

Perambular por Fortaleza ou por Lisboa, prestando atenção a tudo; deixar a cidade; apossar-se do corpo, como se um e outro conformassem dilatações de paisagens, já enuncia a experiência de Glória Diógenes (2015) na pesquisa em Lisboa, relatada no artigo *Entre cidades materiais e digitais, esboços de uma etnografia dos fluxos da arte urbana em Lisboa*. Transitando entre ambientes presenciais e digitais, recorrendo ao deslocamento nas ruas de Lisboa e navegando na internet em uma interatividade “multissituada”, Glória saiu à cata de imagens, da arte urbana. Encontra o coletivo Tinta Crua que gritam frases não escritas. Recorre a Etienne Samain e a Giorgi Agamben, entre outros, para considerar o que “as imagens nos fazem pensar”, o que elas denunciam, criticam, contestam.

Também em Lisboa, o antropólogo português Ricardo Campos mostra larga dedicação à pesquisa na cidade, junto aos pintores de cidade (Campos, 2010, p. 21-22). Estuda a arte pública ou o *graffiti* contemporâneo, que para ele se afigura como uma linguagem de

condição global, inscrita numa matriz cultural com regras de vocabulário, hierarquias, práticas e ferramentas. Campos se filia a uma Antropologia da Comunicação Visual junto com Jay Ruby e Massimo Canevacci (Campos, 2010, p. 23). Em sendo o grafite uma expressão de culturas juvenis urbanas, são esses os grupos com os quais interage em sua pesquisa nos lugares coloridos por essas pinturas murais. Por detrás das artes urbanas, dialoga com coletivos de jovens organizados em lutas sociais de reconhecimento.

Para Campos (2010, p. 28), a pesquisa de “terreno” representou a deslocação para um espaço físico em que habita a alteridade. O autor segue as redes, o movimento das pessoas, das ideias, de seus territórios. Afigura-se um quadro mais consentâneo com o caráter fragmentado e fluido destes conjuntos culturais: liberdade, empatia e intuição o orientam, apanhando os *writes* nas paredes da cidade, mas também na *internet*.



Projeto: Carta aos Narradores Urbanos, Etnografia de Rua na Porto Alegre das Intervenções Artísticas. Homenagem à Ricardo Campos. Fotos Equipe NAVISUAL, 2017.

O repouso do caminhante

A caminhada do etnógrafo é descontínua, assim como o é a cidade, tanto quanto é incontinua a pesquisa em seus diferentes momentos. O tema que orienta cada percurso, circuito e perambulação com os dispositivos de tomadas de notas, de fotos, de gravações, de elaboração de roteiros de captação ou de edição, é dramatizado pela ação reflexiva das experiências de etnografia, e com o compromisso ético de construir uma inteligibilidade narrativa.

Tempo de construção/desconstrução interpretativa da pesquisa com imagens, de ancorar no porto do laboratório para a elaboração de interpretações e construções conceituais com vistas a adensar o mundo das produções científicas com exposições, edições fílmicas, sonoras, de elaboração de *papers* e artigos, quando não impulsionando trabalhos de conclusão com capítulos com imagens (fotografias, vídeos, sons e coleções etnográficas) como, entre outros, o de curso em ciências sociais (Rigon, 2018; Cabreira, 2018; Braz da Silva, 2018), mestrados (Devos, 2003; Graef, 2006; De Mello, 2008; Abalos, 2017; Santos, 2016; Lopo, 2012; Soares, 2012; Gómez, 2018, Barreto Fuchs, 2018) e doutorados (Freitas, 2005; Kubo, 2005; Vedana, 2008; Adomili, 2011).

Estes produtos se centram nas formas de interpretação e elaboração do projeto de enunciação coletiva (Deleuze, Guattari, 1980), dos eventos etnográficos para circulação e partilha do conhecimento. O momento da produção para a divulgação resulta de oficinas de criação, como resultado de diferentes propostas e materiais, como exposições fotográficas, instalações, produção de crônicas em vídeo ou filmes etnográficos, produções sonoras, desenhos, escritas, elaboração de coleções etnográficas e, sempre, novos projetos de etnografias de rua.



Etnografia de rua Rio Tinto, Paraíba, Brasil. Foto Cornelia Eckert, 2011.



Projeto: Carta aos Narradores Urbanos, Etnografia de Rua na Porto Alegre das Intervenções Artísticas. Homenagem à Cornelia Eckert e Ana Luiza C. da Rocha. Fotos Equipe NAVISUAL, 2017.

Cabe ressaltar que as etnografias de rua, para fins de produções narrativas e/ou fotográficas no formato de exposições são projetos de formação em Antropologia Urbana e Visual, constantes dos programas do Núcleo de Antropologia Visual, que em 2019

completa 30 anos de existência, tendo sido, estas exposições na Galeria Olho Nu do IFCH UFRGS, coordenadas pela antropóloga Liliane Guterres (anos 1990 e 2000) e por Rumi Kubo (UFRGS) nos últimos 10 anos e, na reitoria da UFRGS, sob a curadoria do antropólogo Rafael Derois Santos. Há sempre o lançamento de exposições mais amplas e completas e versões menores que circulam em congressos nacionais e internacionais de antropologia, assim como os vídeos etnográficos e etnografias sonoras. Citemos as exposições mais recentes do Navisual⁵.

É sobre estas formas de produzir as etnografias visuais que encerramos estes deslocamentos. Estas práticas não compõem uma cartilha; há que sempre se reinventar. Assumimos o compromisso de produzir as coleções etnográficas para que este patrimônio se consolide na forma de transmissão de conhecimentos. Ininterruptamente buscamos por estas táticas de agenciamento coletivo de enunciação (Caiafa, 2007, p. 165).

Etnografia de rua é talvez, assim, uma forma de extroversão de teorias antropológicas em ação, do método-pensamento etnográfico, como sugeriu Mariza Peirano, em palestra em nossa universidade (Peirano, 2014). E a nós, antropólogos/as urbanos/as, cabe o compromisso de não deixar morrer a produção das nar-

⁵ Equipe de 2018: Ana Luísa D. Zanchetti; Camila Braz da Silva; Camila Laux Kern; Claudia Ribeiro; Cornelia Eckert; Débora Wobeto; Fabrício Barreto Fuchs; Felipe Rodrigues; Fernanda Zepka; Guillermo Stefano Rosa Gómez; Henrique Lahude; Hopi Chapman Flow; Jeniffer Cuty; José Luís Abalos Junior; Leonardo Palhano Cabreira; Manoel Rocha; Luísa Dantas; Manoela Laitano Chaves; Marielen Baldissera; Marina Bordin; Matheus Cervo; Nicole Kunze Rigon; Olavo Marques; Raquel Silva da Fonseca; Roberta Simon; Rumi Kubo; Thayanne Freitas; Yuri Schönardie Rapkiewicz e, mais recentemente, Fabiene Gama.

Exposição comemorativa dos 30 anos do Navisual: *Ritmos temporais: paisagens e cotidiano no Litoral Norte Gaúcho. Sociabilidades, cotidiano e paisagens do litoral norte gaúcho: um mergulho etnográfico na memória ambiental*. NAVISUAL (PPGAS, IFCH, UFRGS) Projeto Paisagens do Litoral Norte Gaúcho (Campus Litoral Norte, UFRGS). Coordenação: Cornelia Eckert, Rumi Kubo, Fabiene Gama e Olavo Ramalho Marques; colaboração de Flávio Leonel da Silveira (Pós-doutorado, UFPA) e Rafael Derois Santos (Departamento Difusão Cultural, UFRGS). Local: Sala Fahrion, Reitoria UFRGS. Período de exposição: julho e agosto de 2019.

Cartas aos narradores urbanos: Etnografia de rua na Porto Alegre das intervenções artísticas. Ano de produção: 2017. Coordenação Expografia na Reitoria da UFRGS: Rafael Derois Santos, Cornelia Eckert e Rumi Kubo. Coordenação Navisual: Cornelia Eckert. Local: Reitoria da UFRGS. Apoio: Departamento de Antropologia/PPGAS/IFCH/UFRGS. Realização: Navisual/Biev e Departamento de Difusão Cultural da PROEXT/UFRGS. Período de exposição: de 21 de novembro de 2017 a 19 de janeiro de 2018.

Etnografias compartilhadas: narrativas visuais e sonoras do viver urbano em Porto Alegre. Turma de estudantes da disciplina Antropologia Visual do Departamento de Antropologia/IFCH/UFRGS, ministrada no primeiro semestre de 2016; pesquisadores do Navisual/Biev PPGAS/IFCH/UFRGS; habitantes de Porto Alegre/RS. Local: Saguão da Reitoria da UFRGS. Apoio: Departamento de Antropologia/PPGAS/IFCH/UFRGS Promoção: UNIFOTO. Realização: Navisual/Biev e Departamento de Difusão Cultural da PROEXT/UFRGS. Período de exposição: de 24 de agosto a 16 de setembro de 2016.

Na Porto Alegre da Copa, os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva: oficina de etnografia audiovisual no Navisual, 2013 e 2014. Coordenação Expografia Galeria Olho Nu: Rumi Kubo, Fabrício Barreto. Coordenação Navisual: Cornelia Eckert. Locais: Galeria Olho Nu, IFCH, UFRGS. Período de exposição: 16 de dezembro de 2014 a 1o de junho de 2015. E na Reitoria da UFRGS: dezembro 2015 a janeiro de 2016.

A produção filmica e sonora está disponível no site: <https://www.ufrgs.br/biev/>. Igualmente o livro *Etnografia de rua* e outros escritos por nós.

rativas e sua circulação, sempre atentos/as a contar o processo de onde as imagens emergem, como se transformam e como permitem fazer vibrar as experiências vividas nas cidades que etnografamos. Cadência da prática antropológica, de produzir conhecimento para a compreensão do Outro como um si mesmo (Ricoeur, 1999), cada vez mais com o outro.



Etnografia de rua. Entrevista com Ruben Oliven. Equipe Biev. Fotografia de André Viccari, 2003.

Referências

ABALOS JUNIOR, JOSE LUÍS. **UM PORTO EM CONTRADIÇÃO: MEMÓRIA POLÍTICA, ENGAJAMENTO E REVITALIZAÇÃO URBANA NA PROPOSTA DE REVITALIZAÇÃO DO CAIS MAUÁ EM PORTO ALEGRE-RS.** ORIENTADORA: CORNELIA ECKERT. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL) - PORTO ALEGRE: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2017.

ADOMILI, GIANPAOLO KNOLLER. **TERRA E MAR, DO VIVER E DO TRABALHAR NA PESCA MARÍTIMA: TEMPO ESPAÇO E AMBIENTE JUNTO A PESCADORES DE SÃO JOSÉ DO**

NORTE-RS. ORIENTADORA: CORNELIA ECKERT. TESE. (DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL). PORTO ALEGRE: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2011.

AGAMBEN, GIORGIO. **INFÂNCIA E HISTÓRIA: DESTRUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA E ORIGEM DA HISTÓRIA.** BELO HORIZONTE: EDITORA UFMG, 2005.

ANDERSON, BENEDICT. **IMAGINED COMMUNITIES: REFLECTIONS ON THE ORIGIN AND SPREAD OF NATIONALISM.** LONDON: VERSO, 1991.

AUGE, MARC. **NÃO LUGARES: INTRODUÇÃO A UMA ANTROPOLOGIA DA SOBREMODERNIDADE.** 1. ED. FRANCESA. LISBOA: 90 GRAUS, 1992.

BACHELARD, GASTON. **A DIALÉTICA DA DURAÇÃO.** SÃO PAULO: ÁTICA, 1988.

BACHELARD, GASTON. **A INTUIÇÃO DO INSTANTE.** CAMPINAS: VERUS, 2007.

BACHELARD, GASTON. **O AR E OS SONHOS, ENSAIO SOBRE A IMAGINAÇÃO DO MOVIMENTO.** SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2001.

BARRETO FUCHS, FABRÍCIO. **A CIDADE E SEUS GRAFFITI: UMA ETNOGRAFIA DE RUA NA REGIÃO PORTUÁRIA DA CIDADE DE PELOTAS/RS.** ORIENTADORA: CLAUDIA TURRA MAGNI. 2018. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL E CULTURAL), PELOTAS: UFPEL, 2018.

BENJAMIN, WALTER. **CHARLES BAUDELAIRE: UM LÍRICO NO AUGE DO CAPITALISMO.** SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1990. (OBRAS ESCOLHIDAS, v.3).

BENJAMIN, WALTER. **O FLÂNEUR.** SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1989. (OBRAS ESCOLHIDAS, v.3).

BOAVENTURA LEITE, ILKA. **ANTROPOLOGIA DA VIAGEM.** BELO HORIZONTE: UFMG, 1996.

BOLLE, WILLI. **FISIOGNOMIA DA METRÓPOLE MODERNA: REPRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA EM WALTER BENJAMIN.** SÃO PAULO: USP, 1994.

BRAZ DA SILVA, CAMILA BRAZ DA SILVA. **HOTEL RODOVIÁRIA:** ESCAVANDO IMAGENS E MEMÓRIAS EM UM PROCESSO ETNOGRÁFICO. 2018. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO. ORIENTADORA: CORNELIA ECKERT. (GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. PORTO ALEGRE: UFRGS, 2018.

CABREIRA, LEONARDO PALHANO. **NAS TRAMAS DAS ARTES URBANAS:** UMA PESQUISA ETNOGRÁFICA COM PRATICANTES DO GRAFITE NA CIDADE DE PORTO ALEGRE. ORIENTADORA: CORNELIA ECKERT. 2018. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO. (GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. PORTO ALEGRE: UFRGS, 2018.

CAIAFA, JANICE. **AVENTURA DAS CIDADES,** ENSAIOS E ETNOGRAFIAS. RIO DE JANEIRO: FGV, 2007.

CALDEIRA, TERESA. **CIDADE DE MUROS:** CRIME, SEGREGAÇÃO E CIDADANIA EM SÃO PAULO. SÃO PAULO: EDUSP, 2000.

CALVINO, ÍTALO. **AS CIDADES INVISÍVEIS.** SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 1994.

CAMPOS, RICARDO. **POR QUE PINTAMOS A CIDADE?** UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA DO GRAFFITI URBANO. LISBOA: FIM DE SÉCULO, 2010.

CANCLINI, NÉSTOR. **CULTURAS HÍBRIDAS:** ESTRATÉGIAS PARA ENTRAR E SAIR DA MODERNIDADE. SÃO PAULO: EDUSP, 1990.

CANEVACCI, MASSIMO. **A CIDADE POLIFÔNICA.** SÃO PAULO: STUDIO NOBEL, 1993.

DA MATTA, ROBERTO. **A CASA E A RUA.** RIO DE JANEIRO: ROCCO, 1997.

DE CERTEAU, MICHEL. **A INVENÇÃO DO COTIDIANO:** ARTES DE FAZER. PETRÓPOLIS: VOZES, 1984.

DE MELLO, LUCIANA. **ETNOGRAFIA NO BAIRRO NAVEGANTES (PORTO ALEGRE-RS).** TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM E NEGOCIAÇÕES DA MEMÓRIA NOS RITMOS

ESPACIAIS E TEMPORAIS VIVIDOS NO COTIDIANO DOS HABITANTES. ORIENTADORA: CORNELIA ECKERT. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL). PORTO ALEGRE: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2008.

DELEUZE E GUATTARI. **MILLE PLATEAUX**, 20 NOVEMBRE 1923. PARIS: ÉDITIONS DE MINUIT, 1980.

DEVOS, RAFAEL VICTORINO. **UMA ILHA ASSOMBRADA NA CIDADE:** ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE COTIDIANO E MEMÓRIA COLETIVA A PARTIR DAS NARRATIVAS DE ANTIGOS MORADORES DA ILHA GRANDE DOS MARINHEIROS, PORTO ALEGRE. ORIENTADORA: CORNELIA ECKERT. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL). PORTO ALEGRE: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2003.

DIOGENES, GLÓRIA. ENTRE CIDADES MATERIAIS E DIGITAIS: ESBOÇOS DE UMA ETNOGRAFIA DOS FLUXOS DA ARTE URBANA EM LISBOA. **REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, FORTALEZA: V. 46, N. 1, JAN./JUN. 2015. P. 43-67.

DURAND, GILBERT. **A IMAGINAÇÃO SIMBÓLICA.** LISBOA: ARCÁDIA, 1979

DURAND, GILBERT. **As ESTRUTURAS ANTROPOLÓGICAS DO IMAGINÁRIO.** SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2012.

DURHAM, EUNICE R. **A CAMINHO DA CIDADE.** SÃO PAULO: PERSPECTIVA, 1978.

ECKERT, CORNELIA, SANTOS, RAFAEL DEROIS E EQUIPE NAVISUAL. **CARTAS AOS NARRADORES URBANOS**, ETNOGRAFIA DE RUA NA PORTO ALEGRE DAS INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS. CATÁLOGO, PORTO ALEGRE, UFRGS DDC, 2018.

ECKERT, CORNELIA; NAVISUAL, EQUIPE. **CARTAS AOS NARRADORES URBANOS: ETNOGRAFIA DE RUA NA PORTO ALEGRE DAS INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS.** FOTOCRONOGRAFIA, V. 02 N. 03, P. 1-126, 2017.

ECKERT, CORNELIA; ROCHA, ANA L. C. **ETNOGRAFIA DA DURAÇÃO.** PORTO ALEGRE: MARCA VISUAL, 2014.

ECKERT, CORNELIA; ROCHA, ANA L. C. **ETNOGRAFIA DE RUA**. PORTO ALEGRE: UFRGS, 2015.

ECKERT, KURT BENNO. **O SOL NASCE PARA TODOS: HISTÓRIAS NARRADAS PARA MEUS NETOS**. PORTO ALEGRE: GRÁFICA, 2006.

FABIAN, JOHANNES. **O TEMPO E O OUTRO: COMO A ANTROPOLOGIA ESTABELECE SEU OBJETO**. PETRÓPOLIS: VOZES, 2013.

FREITAS, ANA ELISA. **MRÜR JYKRE – A CULTURA DO CIPÓ: TERRITORIALIDADES KAINGANG NA MARGEM LESTE DO LAGO GUAÍBA**, PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL. ORIENTAÇÃO: CORNELIA ECKERT. PORTO ALEGRE: UFRGS, 2005.

FRÚGOLI, HEITOR (ORG.). DOSSIÊ LUZ: SÃO PAULO. **PONTO URBE**, NAU-USP, SÃO PAULO: N. 11, DEZ. 2012.

FRÚGOLI, HEITOR. **“FESTAS POPULARES EM LISBOA: UMA ETNOGRAFIA A PARTIR DO BAIRRO ALTO”**. ETNOGRÁFICA, VOL. 18, N. 1, CRIA, LISBOA: 2014. P. 77-98.

FRÚGOLI, HEITOR. **“RELAÇÕES ENTRE MÚLTIPLAS REDES NO BAIRRO ALTO (LISBOA)”**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, VOL. 28, N. 82, SÃO PAULO: ANPOCS, 2013. P. 17-30.

GRAEF, LUCAS. **O MUNDO DA VELHICE E A CULTURA ASILAR: ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE MEMÓRIA SOCIAL E COTIDIANO DE VELHOS NO ASILO PADRE CACIQUE EM PORTO ALEGRE**. ORIENTADOR: CORNELIA ECKERT. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL). PORTO ALEGRE: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2006.

GRAVANO, ARIEL, SILVA, ANA, BOGGI, SILVIA (ED.). **CIUDADES VIVIDAS**. BUENOS AIRES: CAFÉ DE LA CIUDADES, 2015.

GRAVANO, ARIEL. **ANTROPOLOGÍA DE LO BARRIAL: ESTUDIOS SOBRE PRODUCCIÓN SIMBÓLICA DE LA VIDA URBANA**. BUENOS AIRES: ESPACIO EDITORIAL, 2003.

GOMEZ, GUILLERMO STEFANO ROSA. "**ETNOGRAFIA DA CRISE E DA DURAÇÃO FERROVIÁRIA EM PELOTAS/RS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO DE MEMÓRIA COLETIVA**". ORIENTAÇÃO: CORNELIA ECKERT. DISSERTAÇÃO (MESTRADO). PORTO ALEGRE: UFRGS, 2018.

HALL, STUART. **DA DIÁSPORA, IDENTIDADES E MEDIAÇÕES CULTURAIS**. BELO HORIZONTE E BRASÍLIA: EDITORA UFMG; UNESCO, 2003.

HANNERZ, ULF. FLUXOS, FRONTEIRAS, HÍBRIDOS: PALAVRAS-CHAVE DA ANTROPOLOGIA TRANSNACIONAL. **REVISTA MANA**, RIO DE JANEIRO: v.3. n.1, 1997. p. 7-39.

HANNERZ, ULF. **EXPLORANDO A CIDADE**. PETRÓPOLIS: VOZES, 2015.

HARVEY, DAVID. **O DIREITO À CIDADE**. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://EDISCIPLINAS.USP.BR/PLUGINFILE.PHP/272071/MOD_RESOURCE/CONTENT/1/DAVID-HARVEY%20DIREITO%20A%20CIDADE%20.PDF](https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod_resource/content/1/DAVID-HARVEY%20DIREITO%20A%20CIDADE%20.PDF). ACESSO EM: 15 JUNHO 2019.

HILLMAN, JAMES. **CIDADE E ALMA**. SÃO PAULO: STUDIO NOVEL, 1993.

HOLSTON, JAMES. **A CIDADE MODERNISTA**. UMA CRÍTICA DE BRASÍLIA E SUA UTOPIA. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2010.

INGOLD, TIM. **ESTAR VIVO, ENSAIOS SOBRE MOVIMENTO, CONHECIMENTO E DESCRIÇÃO**. PETRÓPOLIS: VOZES, 2015.

JACOBS, JANE. **MORTE E VIDA DE GRANDES CIDADES**. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2013.

JACQUES, PAOLA BERENSTEIN. **ELOGIO AOS ERRANTES**. SALVADOR: EDUFBA, 2012.

KUBO, RUMI. **COLETORES DE SAMAMBAIA-PRETA E A QUESTÃO AMBIENTAL: ESTUDO ANTROPOLÓGICO NA ÁREA DOS FUNDOS DA SOLIDÃO, MUNICÍPIO DE MAQUINÉ, ENCOSTA ATLÂNTICA NO RIO GRANDE DO SUL**. ORIENTADORA: CORNELIA ECKERT. TESE (DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL). PORTO ALEGRE, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2005.

LATOUR, BRUNO. **REAGREGANDO O SOCIAL: UMA INTRODUÇÃO À TEORIA DO ATOR-REDE.** SALVADOR/BAURU: EDUFBA/EDUSC, 2012.

LE BRETON, DAVID. **ELOGE DE LA MARCHÉ.** PARIS: MÉTAILIÉ, 2000.

LEFEBVRE, HENRI. **LE DROIT À LA VILLE.** PARIS: ÉDITIONS ANTHOPOS, 1968.

LEROI-GOURHAN, ANDRÉ. **O GESTO E A PALAVRA.** 1. LISBOA: EDIÇÕES 70, 1970.

LEROI-GOURHAN, ANDRÉ. **O GESTO E A PALAVRA.** 2. LISBOA: EDIÇÕES 70, 1971.

LEVI-STRAUSS, CLAUDE. **TRISTES TRÓPICOS.** SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 1996.

LOPO, RAFAEL MARTINS. **DO IAPI A SAAVEDRA, ENTRE MORADAS, MEMÓRIAS E ESTÓRIAS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE DURAÇÃO E SOCIABILIDADE EM BAIROS OPERÁRIOS DE PORTO ALEGRE E BUENOS AIRES.** ORIENTADORA: CORNELIA ECKERT. 2012. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, CAPES. PORTO ALEGRE: UFRGS, 2012.

MAFFESOLI, MICHEL. **LA CONQUÊTE DU PRÉSENT: POUR UNE SOCIOLOGIE DE LA VIE QUOTIDIENNE.** PARIS: PUF, 1979.

MAGNANI, JOSÉ GUILHERME CANTOR. **DA PERIFERIA AO CENTRO, TRAJETÓRIAS DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA URBANA.** TESE DE LIVRE DOCÊNCIA. SÃO PAULO: USP, 2012.

MAGNANI, JOSÉ GUILHERME CANTOR. **NA METRÓPOLE: TEXTOS DE ANTROPOLOGIA URBANA.** SÃO PAULO: EDUSP/FAPESP, 1996.

MALINOWSKI, BRONISLAW. **LES ARGONAUTES DU PACIFIQUE OCCIDENTAL (1922).** PARIS: ÉDITIONS GALLIMARD, 1963.

MARCONDES CESAR. IN: SANT ANNA, CATARINA (ORG.). **PARA LER GASTON BACHELARD.** PREFÁCIO WUNENBURGER. SALVADOR: EDUFBA, 2010.

OLIVEN, RUBEN. **A ANTROPOLOGIA DE GRUPOS URBANOS**. PETRÓPOLIS: VOZES, 1985.

OLIVEN, RUBEN. **URBANIZAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL NO BRASIL**. PETRÓPOLIS: VOZES, 1980.

PARK, ERZA. "A CIDADE: SUGESTÕES PARA A INVESTIGAÇÃO DO COMPORTAMENTO HUMANO NO MEIO URBANO." IN: **O FENÔMENO URBANO**. VELHO, O. (ORG.). RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR, 1976.

PEIRANO, MARIZA. ETNOGRAFIA NÃO É MÉTODO. **HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS**, PORTO ALEGRE: ANO 20, N. 42, JUL./DEZ. 2014. P. 377-391.

PERRUSI, ARTUR. A TÉCNICA NA HUMANIZAÇÃO DO HOMO SAPIENS SAPIENS. POLÍTICA & TRABALHO. **REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, V. 61, OUT. JOÃO PESSOA: UFPB, 2004. P. 61-77.

PÉTONNET, COLETTE. A OBSERVAÇÃO FLUTUANTE: EXEMPLO DE UM CEMITÉRIO PARISIENSE. TRADUZIDO POR SORAYA SILVEIRA SIMÕES. **ANTROPOLÍTICA**. N. 25, NITERÓI: UFF, 2008. P. 99-111,

RICOEUR, PAUL. **O OUTRO COMO SI MESMO**. SÃO PAULO, PAPIRUS, 1999.

RECHENBERG, FERNANDA. "**VAMO FALÁ DO NOSSO LAMI**": ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE MEMÓRIA COLETIVA, COTIDIANO E MEIO AMBIENTE NO BAIRRO **LAMI**, PORTO ALEGRE. ORIENTAÇÃO: CORNELIA ECKERT. DISSERTAÇÃO (MESTRADO). PORTO ALEGRE: UFRGS, 2007.

RICOEUR, PAUL. **TEMPO E NARRATIVA**. SÃO PAULO, PAPIRUS, 1998.

RIESMAN, DAVID. **A MULTIDÃO SOLITÁRIA**. SÃO PAULO: PERSPECTIVA, 1961.

RIGON, NICOLE KUNZE. **EVENTOS EM ZONA CRÍTICA**: ETNOGRAFIA DE RUA EM UM VIADUTO EM PORTO ALEGRE - RS. ORIENTADORA: CORNELIA ECKERT. 2018. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO. (GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS) - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. PORTO ALEGRE: UFRGS, 2018.

ROCHA, ANA LUIZA E ECKERT, CORNELIA. **A CIDADE E O TEMPO**. PORTO ALEGRE: EDITORA DA UFRGS, 2005. ROCHA, ANA LUIZA; ECKERT, CORNELIA. **A PREEMINÊNCIA DA IMAGEM E DO IMAGINÁRIO NOS JOGOS DA MEMÓRIA COLETIVA EM COLEÇÕES ETNOGRÁFICAS**. BRASÍLIA: ABA, 2016.

SALEM, TANIA. A DESPOSSESSÃO SUBJETIVA: DOS PARADOXOS DO INDIVIDUALISMO. **REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, ANO 7, N. 18, SÃO PAULO: ANPOCS, FEV. 1992. P. 62-77.

SANSOT, PIERRE. **DU BOM USAGE DE LA LENTEUR**. PARIS: EDITIONS PAYOT & RIVAGES, 1998.

SANSOT, PIERRE. **LES FORMES SENSIBLES DE LA VIE SOCIALE**. PARIS: PRESSES UNIVERSITAIRES DE FRANCE, 1986.

SANSOT, PIERRE. **POÉTIQUE DE LA VILLE**. PARIS: RÉÉDITION PETITE BIBLIOTHÈQUE PAYOT, 2004.

SANSOT, PIERRE. **VARIATIONS PAYSAGÈRES**. PARIS: RÉÉDITION PETITE BIBLIOTHÈQUE PAYOT, 2009.

SANTOS, ANANDA ANDRADE DO NASCIMENTO. **INTERVENÇÕES E TRAJETÓRIAS URBANAS: UM ESTUDO SOBRE TRAJETÓRIA E PROJETO NA ARTE DE RUA EM PORTO ALEGRE**. ORIENTADORA: CORNELIA ECKERT. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL). PORTO ALEGRE: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2016.

SILVA, HÉLIO R. S. "A SITUAÇÃO ETNOGRÁFICA: ANDAR E VER: IN: **HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS**. ETNOGRAFIAS. N. 32. ANO 15, JULHO/DEZEMBRO 2009. PORTO ALEGRE: ED. UFRGS, P. 171 A 188.

SILVA, HÉLIO R. S. **TRAVESTI, A INVENÇÃO DO FEMININO**. RIO DE JANEIRO: RELUME-DUMARÁ, ISER, 1993.

SIMMEL, GEORG. **PHILOSOPHIE DES GELDES, LEIPZIG: DUNCKER & HUMBLOT, 1900, 2. ED., 1907 [A FILOSOFIA DO DINHEIRO].**

SIMMEL, GEORG. **"O ESTRANGEIRO"**. IN: MORAES F^o, EVARISTO (ORG.). SOCIOLOGIA. SÃO PAULO: ÁTICA, 1983.

SIMMEL, GEORG. **LES GRANDES VILLES ET LA VIE DE L'ESPRIT. SUIVI DE SOCIOLOGIE DES SENS. PARIS: PAYOT, 2013.**

SOARES, PEDRO PAULO DE MIRANDA ARAÚJO. **ETNOGRAFANDO AS BARBEARIAS DA CIDADE: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE TRABALHO E MEMÓRIA NO MUNDO URBANO DE PORTO ALEGRE (RS). ORIENTADORA: CORNELIA ECKERT. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL). PORTO ALEGRE: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2012.**

VEDANA, VIVIANE. **NO MERCADO TEM TUDO QUE A BOCA COME. ESTUDO ANTROPOLÓGICO DA DURAÇÃO DAS PRÁTICAS COTIDIANAS DE MERCADO DE RUA NO MUNDO URBANO CONTEMPORÂNEO. ORIENTADORA: CORNELIA ECKERT. 2008. TESE (DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL). PORTO ALEGRE: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2008.**

VELHO, GILBERTO (COORD.). **O DESAFIO DA CIDADE: NOVAS PERSPECTIVAS DA ANTROPOLOGIA BRASILEIRA. RIO DE JANEIRO: CAMPUS, 1980.**

VELHO, GILBERTO. **"OBSERVANDO O FAMILIAR"**. IN: NUNES, E. DE O. (ORG.). **A AVENTURA SOCIOLÓGICA: OBJETIVIDADE, PAIXÃO, IMPROVISO E MÉTODO NA PESQUISA SOCIAL. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 1978. P. 36-47.**

VELHO, GILBERTO. **A UTOPIA URBANA: UM ESTUDO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR, 1989.**

VELHO, GILBERTO. **INDIVIDUALISMO E CULTURA: NOTAS PARA UMA ANTROPOLOGIA DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA. RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 1981.**

VELHO, GILBERTO. **NOBRES E ANJOS:** UM ESTUDO DE TÓXICOS E HIERARQUIA. Tese (DOUTORADO), SÃO PAULO: FELCH, USP, 1975.

VELHO, GILBERTO. **PROJETO E METAMORFOSE:** ANTROPOLOGIA DAS SOCIEDADES COMPLEXAS. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR, 1994.

VELHO, GILBERTO. **SUBJETIVIDADE E SOCIEDADE:** UMA EXPERIÊNCIA DE GERAÇÃO. RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR, 1986.

VELHO, OTÁVIO GUILHERME (ORG.). **O FENÔMENO URBANO.** RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 1967.

WAGNER, HELMUTH R. **SOBRE FENOMENOLOGIA E RELAÇÕES SOCIAIS:** ALFRED SCHUTZ. PETRÓPOLIS: VOZES, 2008.

WAIZBORT, LEOPOLDO. **AS AVENTURAS DE GEORG SIMMEL.** SÃO PAULO: EDITORA 34, 2000.

WARBURG, ABY. **ATLAS MNEMOSYNE.** MADRID: AKAL, 2010.

WHYTE, WILLIAM FOOTE. **SOCIEDADE DE ESQUINA.** RIO DE JANEIRO: JORGE ZAHAR EDITOR, 2005.